OPINIÃO SOCIALISTA

O JORNAL DO PSTU
ANO IX - EDIÇÃO 199
DE 11 A 17/11/2004
COLABORAÇÃO: R$ 2
WWW.PSTU.ORG.BR

A VITÓRIA DO SENHOR DA GUERRA

PORQUE BUSH FOI REELEITO; AS CONSEQÜÊNCIAS PARA O MUNDO; A OFENSIVA COM A ALCA E A GUERRA

PÁGS. 6 E 7

SAI VIEGAS, ENTRA ALENCAR, FICAM OS GENERAIS

PÁGINA 5

CONSELHO DO ANDES INDICA DEBATE DA DESFILIAÇÃO DA CUT

PÁGINA 8

ARAFAT: UMA VIDA ENTRE AS ARMAS E OS ACORDOS

PÁGINA 11

DÁ-LHE TRANSGÊNICOS *Lula poderá liberar mais uma safra de transgênicos. Trata-se agora do algodão. Mais da metade das sementes da próxima safra está contaminada por transgênicos.*

PÁGINA DOIS

ACELERANDO A ALCA *O Ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, declarou que as negociações da Alca irão "avançar rapidamente" depois que terminaram as eleições nos EUA.*

AJUDANTES DE BUSH

O Grupo do Rio, evento que reuniu chefes de Estado da América Latina na semana passada, comprometeu-se a ajudar o governo brasileiro na ocupação colonial do Haiti. "A crise haitiana é de tal magnitude e complexidade que se tem convertido em preocupação prioritária para o Grupo do Rio", afirma o documento aprovado. A "ajuda" não será só militar. O pedido feito por Lula é para que os países participem da rapina, ops!, "reconstrução" do país.

PÉROLA

"Posso até ser acusado de corrupto, mas não de boiola."

ROGÉRIO BURATTI, *petista e ex-secretário de Antonio Palocci, em telefonema grampeado, recusa proposta de encontrar-se em um banheiro para negociar licitações em cidades paulistas*

CHARGE / *GILMAR*

PCdoB CHAMA PM PARA ACABAR COM ENCONTRO

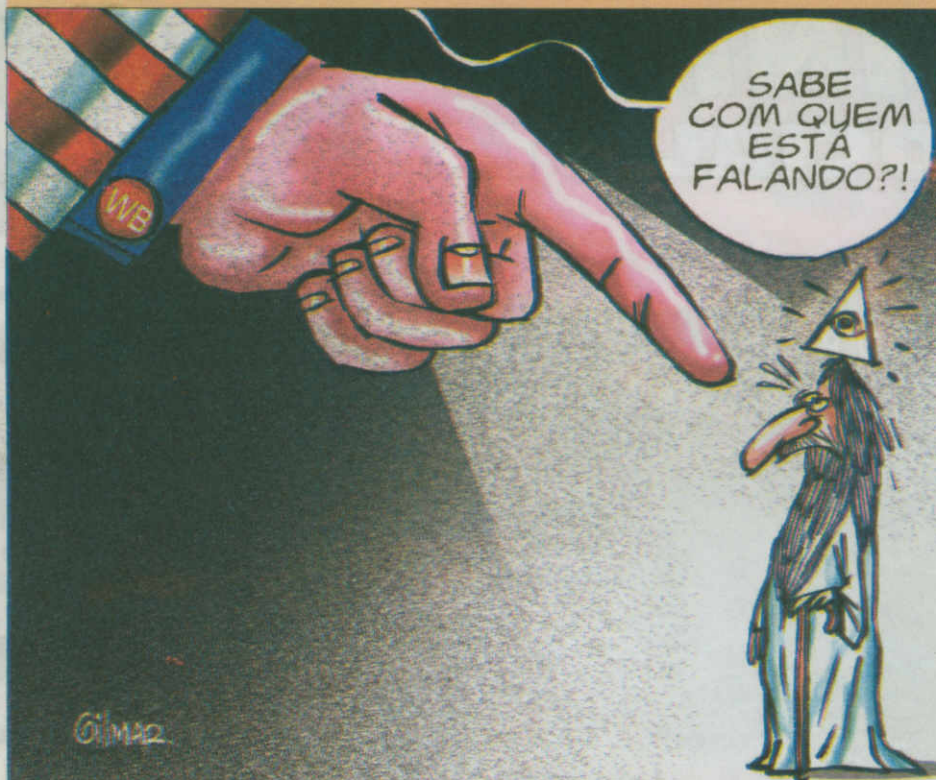
No dia 6, ocorreu, no Rio de Janeiro, o Encontro Municipal dos Estudantes Secundaristas, para formar uma alternativa de direção que pudesse levar adiante a luta pelo passe-livre e contra a reforma Universitária, combatendo as posições burocráticas e governistas que tomaram conta da Associação Municipal dos Estudantes Secundaristas, dirigida pelo PCdoB.

A maioria do encontro era de simpatizantes da Conlute, que propunha aos estudantes aderirem à Coordenação.

O PCdoB, com um grupo de bate-paus, procurou inviabilizar o encontro. Invadiram violentamente o plenário e tentaram inviabilizar a discussão. Não contentes, resolveram chamar a PM para acabar com o encontro. Soldados com fuzil entraram nos grupos e declararam o encontro encerrado. Enquanto isso, a tropa do PCdoB aplaudia os policiais.

Os estudantes estão denunciando nas escolas a truculência da PM e do PCdoB. É preciso repudiar essa ação, que expressa a concepção autoritária que esses burocratas-mirins têm do movimento estudantil.

O EXTERMINADOR DO PRESENTE

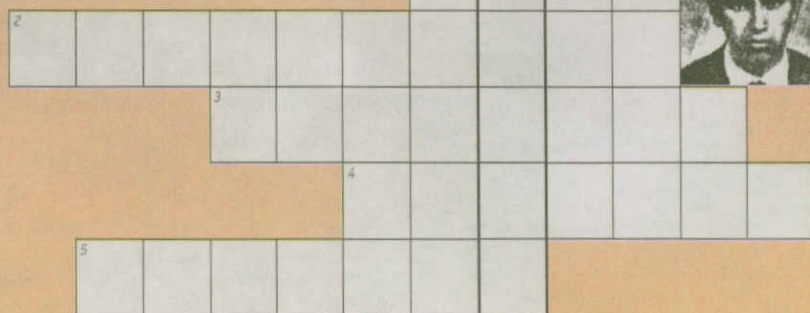
Schwarzenegger, o governador republicano da Califórnia, conseguiu aprovar, em plebiscitos realizados com as eleições presidenciais, várias medidas ultraconservadoras. Entre elas, o governador exterminou a proposta 66, que reduzia penas de prisioneiros que cometeram pequenos delitos (detalhe, a Califórnia é o estado com o maior número de presos dos EUA), e conseguiu impedir uma lei que obrigaria grandes empresas a oferecer seguro-saúde a seus trabalhadores. A Wal-Mart Stores destinou US$ 500 mil à campanha contra a medida. O exterminador, com seu desavantajado cérebro, declarou: "Isso é o que mais gosto nos dias de eleições, porque, quando as pessoas exercitam seus músculos, o estado fica mais forte"

CALOROSAS FELICITAÇÕES

Confirmada a vitória de Bush nas eleições norte-americanas, Lula enviou suas felicitações, em tom – como ele mesmo afirma – caloroso. A nota dizia: "Transmito as calorosas felicitações do Governo brasileiro por sua expressiva vitória eleitoral (...) Nossas relações vêm-se desenvolvendo de modo notável (...) Estou convencido de que poderemos continuar a aprofundar os laços de amizade e as proficuas relações entre o Brasil e os EUA". Mesmo tímida, a torcida no governo era por Bush.

PALAVRAS CRUZADAS

POR JEFERSON CHOMA

1. *Acordo firmado em 1993 por Yasser Arafat com o imperialismo norte-americano e com Israel.* **2.** *República (...); país caribenho invadido pelos EUA em 1965.* **3.** *Cidade espanhola destruída por bombardeios nazistas em 1937, denunciado em uma das obras de Picasso.* **4.** *Cidade onde foi fundado o PCB, em 1922.* **5.** *General nicaraguense que lutou contra a invasão dos EUA ao seu país em 1927.*

Vertical: (...) Dias, metalúrgico assassinado pela ditadura em outubro de 1979.

RESPOSTAS DA EDIÇÃO ANTERIOR *1 – Tom Jobim. 2 – Apagão. 3 – Mendes. 4 – Franco. 5 – IBA. 6 – Portinari. 7 – OLP. 8 – Cravos.*

CARTAS

"Me senti contemplado com a matéria sobre o Herzog na edição 197. No entanto, acredito que seria possível aprofundar ainda mais, a fim de evidenciar a perseguição que sofrem todos aqueles que se propõem a se rebelar contra a ordem institucional da sociedade burguesa. Que tal, também, enaltecer a dualidade que existia na época: socialismo X capitalismo? Na época, havia efetiva disputa pelo Poder, daí a violência! Talvez a juventude de hoje não sabe que seres humanos valiosos e livres foram covardemente assassinados simplesmente porque lutavam por um país mais justo e independente; e isto, é claro, tem nome: Socialismo. Muitos (PT/PCdoB/PSB), tentarão esquecer tudo, inclusive a essência; no entanto, não faltarão homens de verdade para transformar a sociedade."

ELDO PEREIRA, *por e-mail*

"Parabenizo todos participantes e leitores por este jornal existir e ter o rabo preso com a verdade dos trabalhadores! O assunto mais comentado no momento é a abertura dos arquivos da Ditadura. O governo Lula, a favor do império norte-americano, dá sinais de que não abrirá os arquivos desse período, alegando segredos de Estado. Quais segredos guardam esses arquivos? (...) Seja o que for, é de interesse do povo o esclarecimento (...).
Um grande abraço.

MARCOS VOLPATI, *por e-mail*

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua Humaitá, 476 - Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01321-010 - Fax: (11) 3105-6316
e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates 'Mancha', Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** André Valuche, Cecília Toledo, Diego Cruz, Fausto Barreira Filho, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Wilson H. Silva, Yara Fernandes **PROJETO GRÁFICO** Gustavo Sixel **REVISÃO** Maria Lucia F. C. Bierrenbach **DIAGRAMAÇÃO** Gustavo Sixel e Mônica Biasi **CAPA** Foto Agência Estado **DISTRIBUIÇÃO EM BANCAS** OESP **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 3105-6316 *assinaturas@pstu.org.br · www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01321-010
(11) 3105-6316

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Av. Comendador Leão, 526
Poço (82) 327-8125
maceio@pstu.org.br

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. José Antônio Siqueira, 941, Laguinho (96) 9965-0612
macapa@pstu.org.br

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823 - Centro (92) 234-7093
manaus@pstu.org.br

BAHIA

SALVADOR - R.Fonte do Gravatá, 36 - Nazaré (71) 321-3632
salvador@pstu.org.br
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 - Centro alagoinhas@pstu.org.br
ILHÉUS - R. Conselheiro Dantas, 20 - Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282 - Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA - Rua C - Quadra C, 27 - Morada do Bem Querer - Candeias

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700 - Benfica (82) 254-4727
www.pstufortaleza.org
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - R. Santa Cecília, 480A, bairro Salesiano

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor Comercial Sul - Quadra 2 - Ed. Jockey Club - Sala 102
brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 70, 715, 1° and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência)
(62) 212-9969 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - Rua dos Afogados, 169, sl. 8, Centro (98) 258-0550
saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921
Vila Planalto (67) 384-0144
campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
CENTRO - FLORESTA
Av. Paraná 191, 2° andar - Centro
BARREIRO - Av. Olinto Meireles, 2196 sala 5, Pça Via do Minério
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629 – *uberaba@pstu.org.br*
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2519 - (91) 226.3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1 (Entre Cristovão Colombo e Pimenta Bueno) (91)227.8869 / 247.7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195 - Bairro Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna, 147 (94)326.3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320, s/n° (ao lado da Câmara)
(91) 96172944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391 -1° andar - Centro (83)241-2368 -
joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ

CURITIBA - Rua Alfredo Buffren, 29/4, Centro

PERNAMBUCO

RECIFE -Rua Leão Coroado, 20/1° andar, Boa Vista (81)3222.2549
recife@pstu.org.br
CABO DE SANTO AGOSTINHO
R. José Apolônio n° 34 A - Cohab

PIAUÍ

TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
PRAÇA DA BANDEIRA - Tv. Dr. Araújo, 45 - (21)2293.9689
JACAREPAGUÁ - Praça da Taquara, 34 sala 308
DUQUE DE CAXIAS -R. das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Souza Cardoso, 147 - Vila Amélia *friburgo@pstu.org.br*
NOVA IGUAÇU - Rua Coronel Carlos de Matos, 45 - Centro
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
VALENÇA - valenca@pstu.org.br
VOLTA REDONDA
Rua 2, 373/101 - Conforto

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201.1558
ZONA NORTE - Av. Maranguape, 2339 Cj. Panatis II

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE - Rua General Portinho, 243 (51) 3286-3607
portoalegre@pstu.org.br
BAGÉ - Rua do Acampamento, 353 - Centro - (53) 242-3900
CAXIAS DO SUL - Rua do Guia Lopes, 383, sl 01 (54) 9999-0002
GRAVATAÍ - R. Dr. Luiz Bastos do Prado, 1610/305 Centro (51) 484-5336
PASSO FUNDO - XV Novembro, 1175 - Centro - (54) 9982-0004
PELOTAS - Rua Santa Cruz, 1441 - Centro (53) 9126.7673 *pelotas@pstu.org.br*
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 9989-0220 - *santamaria@pstu.org.br*
SÃO LEOPOLDO - Rua João Neves da Fontoura,864, Centro, 591-0415

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104 Centro (48) 225-6831
floripa@pstu.org.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 (tv. da R. Parapuã,1800)
V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL
Campo Limpo – R. Dr. Abelardo C. Lobo, 301 - piso superior
Santo Amaro – Av. João Dias, 1500 - piso superior
BAURU - R. Cel. José Figueiredo, 125 - Centro - (14) 227-0215
bauru@pstu.org.br
www.pstubauru.ig.com.br
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19)3235.2867-
campinas@pstu.org.br
CAMPOS DO JORDÃO - Av. Frei Orestes Girard, 371, sala 6 - Bairro Abernéssia (12) 3664-2998
FRANCO DA ROCHA - R. Washington Luiz, 43, Centro
GUARULHOS
R. Miguel Romano, 17 - Centro (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica (11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
LORENA -Pça Mal Mallet, 23/1 - Centro
MOGI DAS CRUZES - Rua Dr. Córreia, n° 191 - Bairro Shangai - Mogi das Cruzes - SP
(11) 4796-8630
www.pstu.org.br/altotiete
RIBEIRÃO PRETO
R. Saldanha Marinho, 87, Centro (16) 637-7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SANTO ANDRÉ -Rua Oliveira Lima, 279 sala 5 - 2° andar
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro (11) 4339.7186
saobernardo@pstu.org.br
SÃO CAETANO DO SUL - R. Eng. Rebouças, 707 Oswaldo Cruz
(11) 4238.7883
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS *sjc@pstu.org.br*
VILA MARIA - R. Mário Galvão, 189 (12)3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vila Carvalho
(15)3211.1767 *sorocaba@pstu.org.br*
SUMARÉ -Av. Principal, 571 - Jd. Picemo I
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 251-3530
aracaju@pstu.org.br

EDITORIAL

PARABÉNS A BUSH?

RICARDO STUCKERT / AGÊNCIA BRASIL

Lula reúne-se com Bush em 2003, na Casa Branca

No dia seguinte à vitória de Bush, Lula telefonou para ele, dando os parabéns. Nós perguntamos: parabéns por quê? Em nome de quem Lula parabeniza o maior genocida dos dias de hoje? Os trabalhadores brasileiros têm motivos para saudar essa vitória? Eles não, mas Lula sim. Ele é o testa-de-ferro de Bush na América Latina, tanto que mereceu a "honra" de comandar as tropas que estão ocupando o Haiti em lugar dos soldados americanos. "O Brasil tem sido uma força estabilizadora para o continente", disse o embaixador americano John Danilovich, em Brasília. Em outras palavras: Lula ajudou os EUA a "pacificar" a região, além de ser o mais disciplinado na aplicação dos planos colonialistas para o continente. O presidente brasileiro é o mais aguerrido nas negociações da Alca.

Quanto à guerra no Iraque, Lula não faz qualquer objeção mais séria. Preferiu ficar em cima do muro, o que também ajudou os EUA. Fato que não deixou de ser reconhecido pelo embaixador americano: "Há várias maneiras de apoiar a guerra. O Brasil defende a liberdade, a justiça, a democracia e o livre mercado. Pela sua natureza e conduta, o Brasil, como exemplo, dá apoio à guerra contra o terrorismo". Agora Lula se prepara para retomar as negociações da Alca com Bush, e assim transformar o Brasil num quintal dos EUA. Não foi à-toa que Bush retribuiu a gentileza de Lula, enviando agradecimentos pela sua saudação.

Nós chamamos todos os trabalhadores e a juventude a colar a cara feia e odiada de Bush na Alca, para retomar a luta contra esse acordo e o governo entreguista de Lula.

FALA ZÉ MARIA

Um outro mundo (pelas eleições) não é possível

José Maria de Almeida, o Zé Maria, é Presidente Nacional do PSTU e integra a Coordenação da Conlutas

Quando ficou clara à possibilidade de derrota do PT em Porto Alegre, diversas vozes desse partido defenderam a mudança do Fórum Social Mundial para outra cidade. Lula, por sua vez, criticou o Fórum por "discutir muitos temas" e propôs que se discutisse um único ponto, que seria o plano contra a fome, a partir da experiência do Plano Fome Zero, além de defender também a mudança do Fórum para Recife.

Depois das eleições, formou-se um movimento pela mudança do local do Fórum, com sugestões de Belo Horizonte ou Recife, cidades onde o PT ganhou as eleições. Uma das primeiras vozes a defender essa proposta foi Emir Sader.

Uma nota da secretaria internacional do Fórum, de 3 de novembro, encerra a polêmica ao confirmar a data (26 a 31 de janeiro) e o local do Fórum – Porto Alegre. Foi derrotada, assim, ao menos conjunturalmente, uma visão aparatista que associa o Fórum necessariamente a uma prefeitura petista.

A manutenção do Fórum em seu local tradicional no Brasil, no entanto, não assegura por que ele cumpra uma jornada positiva para o movimento de massas. Até agora, os Fóruns vêm servindo para aglutinar discussões ao redor da frase-tema "Um outro mundo é possível".

Sem a necessidade de uma revolução, seria possível mudar completamente o mundo? Uma enorme legião de intelectuais, ONGs, partidos reformistas, ex-revolucionários arrependidos acham que sim e apresentam, com toda a pompa, velhas receitas reformistas requentadas para parecerem novidades: a defesa da cidadania, passando por cima do conceito de classe; a ampliação da democracia, como o orçamento participativo, como opção à destruição do Estado.

Paralelamente a esse Fórum oficial, existiu, desde o primeiro Fórum, uma atividade paralela de organizações revolucionárias, que se reuniam sob o lema "um outro mundo socialista é possível".

Já estamos na V edição do Fórum, e é importante ver a evolução de cada uma das propostas. É inegável que o próximo Fórum será diferente dos demais. O "oba-oba" ao redor do PT já refluiu e não foi só por causa da derrota de Porto Alegre.

Toda a expectativa de "um outro mundo", que seria possível atingir pelas eleições, se materializou no Brasil, por meio do governo Lula. Veio o governo petista, e o outro mundo não veio. Passados já quase dois anos de mandato, e segue o mesmo mundo capitalista, a fome, a miséria, o FMI.

Emir Sader (mais uma vez ele), em uma matéria para injetar ânimo na idéia-mãe do Fórum, dá como exemplo de "outro mundo possível" a reforma agrária do governo Lula (que é ainda menor que a de FHC) e os CEUs de Marta Suplicy em São Paulo (com o respectivo abandono do restante da rede pública de ensino).

A verdade é que já estamos distantes das primeiras edições do Fórum, e hoje Lula não seria recebido como foi em 2003. Deve se reconhecer a importância dos encontros paralelos, organizados por setores revolucionários, como os do PSTU, nas edições passadas.

*No próximo Fórum, o Conlutas realizará um Encontro Nacional, precedido por um Encontro do Conlute (juventude) e outro Encontro do Conlutas Popular. Além disso, promoverá um grande debate sobre o governo Lula e as esquerdas. O PSTU e a **Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QI)**, por sua parte, realizarão um debate sobre a esquerda e a democracia na América Latina.*

DOS ELEITOS, LULA É O PRESIDENTE QUE MAIS PAGA JUROS DA DÍVIDA

INVESTIMENTO de Lula é o menor desde a ditadura

DIEGO CRUZ, da redação

Por trás da euforia dos números apresentados pelo governo Lula atestando um suposto crescimento econômico, esconde-se uma das maiores transferências de recursos realizada pelo pagamento dos juros da dívida externa. Ao mesmo tempo, reduz-se cada vez mais os gastos em investimento público, corta-se verbas de áreas como saúde e educação. Levantamento realizado pelo próprio Tesouro Nacional sobre os gastos do governo constata que, nos últimos vinte anos, o pagamento dos juros da dívida externa supera sistematicamente os investimentos públicos. No governo Lula, essa distorção só aumenta.

VINTE ANOS DE RECESSÃO

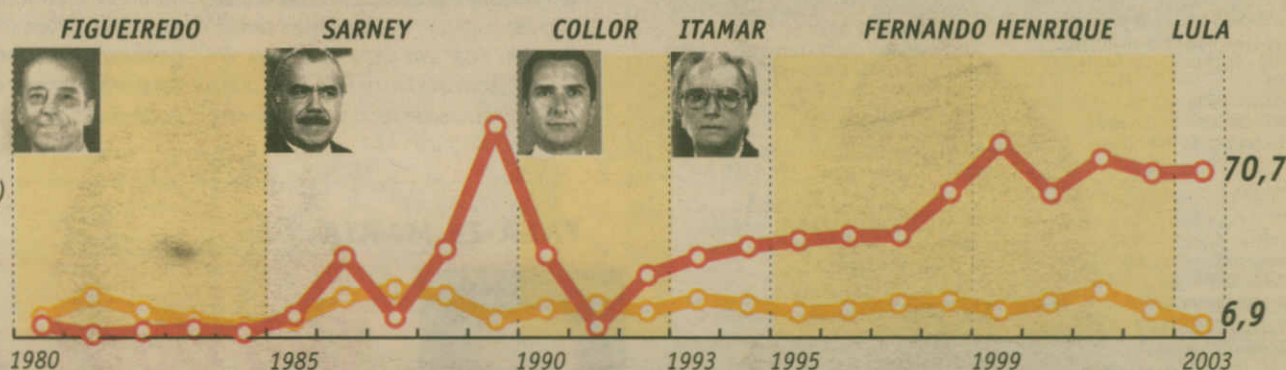
O Tesouro monitorizou os gastos do governo a partir de 1980. Desde o governo Sarney, a partir de 1985, a relação entre o pagamento de juros e os investimentos públicos começou a se inverter. Nesse ano, o governo pagou R$ 10,7 bilhões de juros, deixando apenas R$ 8,8 bilhões para os investimentos. Vivia-se então o rescaldo dos altos endividamentos realizados pela ditadura militar nos anos 1970. Em 1989, no ocaso da era Sarney, em meio a uma grave crise, o governo chegou a destinar nada menos que R$ 90 bilhões para o pagamento de juros, em detrimento de apenas R$ 9 bilhões aos investimentos.

Nos anos seguintes, o governo Collor escancarava a economia do país ao capital internacional, dando início às reformas neoliberais. Os gastos com os juros da dívida permaneciam maiores que os investimentos. A era FHC, marcada pela privatização das principais estatais, levada a cabo pelo programa de desestatização, não alterou essa relação. Os parcos recursos obtidos com a privatização, já que grande parte dela foi realizada com o financiamento do próprio BNDES, escoou pelo ralo dos juros.

Fernando Henrique Cardoso terminou seu mandato pagando, em 2002, cerca de R$ 70 bilhões de juros enquanto investia apenas R$ 12 bilhões. Em plena campanha presidencial, o esmagador favoritismo do então candidato Lula dava margem às manobras dos especuladores, que forçaram a alta excessiva do dólar, aumentando ainda mais a dívida externa. Isso ocorreu ainda que o PT tenha dado sinais mais do que claros que cumpriria todos os contratos, e que continuaria a pagar a dívida, e ainda que os investidores soubessem disso.

CRESCIMENTO ARTIFICIAL, ARROCHO REAL

O governo Lula começou o mandato estabelecendo a meta de superávit primário, ou seja, seu compromisso de economizar recursos para pagar a dívida em 4,25%. Isso significa que o governo se comprometeria a ter "lucro" para garantir o pagamento aos especuladores. Como toda empresa, o governo estabeleceu prioridades, determinando áreas consideradas secundárias para cortar gasto. Logo no início de 2003, o governo Lula anunciou o corte de R$ 14 bilhões à área social. Fechou o ano pagando, só pela União, R$ 70 bilhões de juros. Ao todo, os juros da dívida pública consumiram R$ 145 bilhões.

Enquanto isso, o governo investia a impressionante cifra de R$ 6,9 bilhões, o menor investimento do governo desde 1984, último ano do regime militar, sob comando do ditador Figueiredo. Nesse ano, Figueiredo investiu a quantia irrisória de R$ 6,1 bilhões. No entanto, uma diferença fundamental se impõe nessa comparação. Em 1984, o governo arrecadava R$ 114 bilhões. Em 2003, a arrecadação do governo ultrapassou os R$ 367 bilhões. Ainda em 1984, Figueiredo pagou R$ 3,7 bilhões de juros. Em 2003, Lula pagou mais de R$ 70 bilhões. Ou seja, em 20 anos, Lula só não ultrapassou o governo Sarney, em 1989, no montante gasto com juros. Mesmo assim, a atual carga tributária é bem maior do que a daquele período, atingindo quase 40% do PIB.

QUANTO CADA GOVERNO DESVIOU DA ARRECADAÇÃO PARA PAGAR OS JUROS

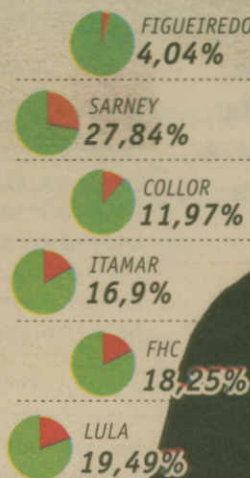
Governo	%
FIGUEIREDO	4,04%
SARNEY	27,84%
COLLOR	11,97%
ITAMAR	16,9%
FHC	18,25%
LULA	19,49%

FONTE: *Tesouro Nacional / Folha de S. Paulo*

FOTO AGÊNCIA BRASIL

Soluço de crescimento

Com o entusiasmado apoio da grande imprensa, que alardeou o crescimento como sendo um resultado da política recessiva, o governo sentiu-se à vontade para aumentar ainda mais o aperto no orçamento. Elevou a meta de superávit para 4,5% e aumentou os juros para 16,75%. De janeiro a setembro de 2004, o governo economizou quase R$ 70 bilhões. O Tesouro Nacional espera ter uma sobra de R$ 75,5 bilhões até o fim deste ano.

O QUE VEM POR AÍ

Até agosto de 2004, o governo Lula havia pago R$ 50 bilhões em juros e investido apenas R$ 1,7 bilhão. No entanto, com a deterioração da capacidade de investimento, o governo vê-se numa encruzilhada. Nem todo investimento se refere às áreas sociais, estas já foram completamente abandonadas.

Os investimentos estatais também são utilizados para aumentar ainda mais os lucros dos fazendeiros agroexportadores, com a construção e ampliação de infra-estrutura para escoar a produção. Para resolver os baixos investimentos estatais, o governo prepara a PPP, o Projeto de Parceria Público-Privada. Contrata empresas privadas para a realização de grandes obras de infra-estrutura, abre mão do processo de licitação e garante

ao investidor retorno financeiro. Se a empresa tiver prejuízo, ele será coberto com dinheiro público, que até garantirá o lucro do investimento. O governo poderá continuar pagando juros extorsivos e abastecendo o mercado externo com produtos agropecuários.

O governo Lula aprofunda, desta forma, o processo de recolonização do Brasil. Para se aliar ao mecanismo da dívida externa, o governo brasileiro negocia com o recém-reeleito Bush a implementação da Alca, que imporá a dominação direta sobre o país, sem intermediários.

MUDAR PARA QUE TUDO FIQUE COMO ANTES

VIEGAS SAI DE CENA para que generais fiquem no governo

JEFERSON CHOMA, da redação

No dia 6, o ministro da Defesa, José Viegas, apresentou sua demissão ao presidente Lula que, tentando contornar a crise entre o governo e as Forças Armadas, indicou para o cargo o vice, José de Alencar.

A saída de Viegas é resultado dos constantes atritos envolvendo o ex-ministro e os membros do alto escalão das Forças Armadas. No entanto, a crise aprofundou-se depois que o exército soltou uma nota justificando as repressões e as torturas praticadas pela ditadura militar, logo após a divulgação das supostas fotos do jornalista Vladimir Herzog, assassinado pela ditadura.

Muitos exigiram a saída do comandante do exército, general Francisco Albuquerque, que sabia do teor da nota, mas setores do próprio governo opuseram-se à saída do general que tem conhecidas relações com os grandes figurões do governo Lula, como o senador Aloísio Mercadante e o ministro Luís Gushiken (Comunicação do governo). O jornal *Folha de S.Paulo*, em reportagem divulgada no dia 7, revelou tais relações, mostrando que o general Albuquerque é ligado ao coronel Oswaldo, que, por sua vez, é irmão do senador Mercadante. O coronel Oliva é também um dos assessores diretos de Gushiken.

A nota também reabriu a discussão sobre a necessidade da divulgação dos arquivos secretos da ditadura e demonstrou claramente que ainda vigoram no país as velhas estruturas repressivas da ditadura. O governo avalia que José de Alencar será capaz de conter a situação e preservar as velhas estruturas.

Troca de Josés: entra o Alencar, sai o Viegas

É PRECISO ROMPER COM A CORTINA DE SILÊNCIO

Apesar da crescente pressão para que o governo Lula abra os arquivos da ditadura militar, o presidente já declarou que não quer uma nova crise na área militar e, portanto, não vai ceder às pressões. Para tal, nesta semana, o governo petista vai investir sobre sua própria bancada no Congresso para tentar calar aqueles que defendem a abertura dos arquivos.

O governo Lula continua com a política de "reconciliação" com as forças repressivas da ditadura, promovida pelos governos anteriores, impedindo que se rompa a cortina de silêncio sobre as bárbaras violências cometidas pelo regime militar. A abertura dos arquivos é a única forma para se fazer justiça à memória de tantos que tombaram lutando contra o regime e desbaratar as velhas estruturas repressivas.

ATO LEMBRA MARIGHELLA

EX-COMPANHEIRA DE GUERRILHEIRO CONTA QUE AGENTES QUE O MATARAM RECEBERAM PROMOÇÃO

No dia 5, foi realizado em São Paulo um ato em memória aos 35 anos do assassinato do guerrilheiro Carlos Marighella. Membro da Aliança Libertadora Nacional (ALN), ele tombou vítima de uma emboscada do DOI-CODI e do exército na Alameda Casa Branca, na Capital paulista.

No ato, diversos oradores exigiram a abertura imediata dos arquivos da ditadura. Clara Scharf, ex-companheira de Marighella, declarou ao Opinião que é preciso abrir os arquivos. "Eu sei como eles montaram a operação que assassinou Marighella porque nós encontramos nos arquivos do Dops, quando eles abriram, o nome dos policiais que participaram da emboscada. O Romeu Tuma, inclusive, era da polícia naquela época e sabia da operação. Depois propuseram até a promoção dos agentes, uma coisa estúpida e monstruosa".

CONGRESSO NACIONAL

GOVERNO INICIA ACORDOS PARA APROVAR REFORMAS

DEPOIS DA derrota política nas eleições, o governo diz que a "guerra acabou" e defende a unidade de partidos governistas e oposição de direita para aprovar pacote de reformas

JEFERSON CHOMA, da redação

Com o fim das eleições, as trocas de acusações e o baixo nível que marcaram as campanhas eleitorais do PT e da oposição de direita dão lugar ao que realmente havia por trás dessa aparente polarização: um acordo geral para aprovar o mais rápido possível as reformas Sindical, Trabalhista e Universitária, as Parcerias Público-Privadas (PPPs), a nova lei de falências, entre outras medidas que vão atacar os trabalhadores para favorecer empresários e banqueiros.

Lula apressou-se em reunir os principais líderes da oposição burguesa e declarar que chegou a "hora de pensar no país e arregaçar as mangas" para aprovar as medidas. O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, um dos principais nomes do PSDB para a disputa presidencial em 2006, rapidamente respondeu que seu partido dará o apoio necessário para a aprovação das reformas: *"o PSDB defende as reformas e as PPPs"*, declarou o tucano. Na semana passada, o presidente recebeu o prefeito reeleito do Rio de Janeiro, César Maia, para garantir que o PFL ajude o governo a retomar a agenda neoliberal no Congresso.

Nesta semana, o governo vai se reunir com os líderes do PSDB, PFL, PMDB, PDT e PTB para acertar a "melhor forma" de encaminhar essa agenda. No entanto, aproveitando-se da fragilidade do governo petista depois de sua derrota nas eleições, os partidos burgueses aliados ao governo, como PMDB e PPS, estão fazendo barulho, ameaçando deixar a bancada governista. A ameaça não passa de marola desses partidos, que agora reivindicam mais espaço, leia-se, mais cargos e nomeações. É claro que Lula vai atender essas exigências para seguir aplicando a política do FMI, com a qual todos têm acordo.

O QUE VEM POR AÍ

REFORMAS SINDICAL E TRABALHISTA

O objetivo da reforma Sindical é deixar o controle da estrutura sindical do país nas mãos da cúpula das centrais, fazendo com que elas passem a definir os direitos dos trabalhadores, sem qualquer garantia de que as negociações com a patronal sejam aprovadas em assembléias de base. Essa mudança permitiria que as centrais negociassem direitos dos trabalhadores, hoje garantidos por lei, preparando assim o terreno para a reforma Trabalhista, que pretende liquidar direitos históricos dos trabalhadores.

REFORMA UNIVERSITÁRIA

O governo já promoveu iniciativas para acelerar sua implementação, como a realização do ProUni (projeto que compra vagas nas faculdades pagas) e do Enade (novo provão), realizado no último dia 7. O objetivo é aprová-la definitivamente no Congresso até dezembro.

PPPs

O projeto das PPPs libera as empreiteiras privadas para realizarem – sem licitação – obras de empreendimento em infra-estrutura com dinheiro público. Ou seja, teriam seu lucro garantido e com o financiamento do Estado.

LEI DE FALÊNCIAS

A Lei vai prejudicar aos trabalhadores receberem dívidas trabalhistas ao garantir a prioridade absoluta do pagamento de empréstimos concedidos a empresas exportadoras, geralmente, por instituições financeiras.

BUSH FOI ELEITO, MAS TERÁ QUE ENFRENTAR O ÓDIO DE MILHÕES

CECÍLIA TOLEDO, da redação

A direita norte-americana obteve vitória nas eleições. Bush foi reeleito para um novo mandato de quatro anos com 3 milhões de votos a mais em relação a Kerry. Uma vantagem muito grande, bem diferente da eleição passada, em 2000, quando venceu apertado, por apenas um voto a mais no Colégio Eleitoral, em eleições fraudadas.

As eleições fortalecem e legitimam Bush e sua postura militarista. Ele conseguiu a maioria do voto popular e do Colégio Eleitoral, sem a crise das últimas eleições, além da maioria no Senado e da Câmara dos Deputados. Houve um relativo fortalecimento do regime, uma maior confiança nas eleições. Estima-se que mais de 120 milhões de pessoas votaram (60% dos eleitores), o que é uma novidade nos EUA, onde o voto não é obrigatório e em geral há pouco comparecimento às urnas.

O imperialismo se fortalece conjunturalmente. Mas é preciso analisar as condições em que isso se deu nos EUA e a conjuntura internacional, para ver as conseqüências das eleições norte-americanas. Ao contrário do que a imprensa internacional está divulgando, o resultado não deve ser um mundo arrasado pelo "super-Bush", mas uma polarização mais intensa da luta de classes, com o aumento das crises.

A OFENSIVA DE BUSH JÁ VINHA SE DESGASTANDO

Toda a análise da situação dos EUA deve ser tomada a partir do marco do 11 de Setembro. Os EUA dividem-se em um país antes e outro depois dos atentados.

Quando subiram ao poder, em 2000, Bush e a direita americana tinham pouco respaldo na opinião pública. Ganhou pelo Colégio Eleitoral, mediante fraudes na Flórida.

Sua queda de popularidade foi revertida com os atentados de 11 de Setembro. Para ele, esses atentados se revelaram muito úteis. Bush chegou a 80% de credibilidade, um recorde histórico alcançado com a estratégia de usar intensamente o temor da população dos EUA, para inflar a "guerra contra o terror".

As vitórias no Afeganistão e Iraque (no início da ocupação) também colaboraram. No entanto, esse *boom* de credibilidade não durou muito. Dois fatores falaram mais alto: o aumento da resistência iraquiana, que transformou esse país num pântano para as tropas norte-americanas, e a crise econômica interna dos EUA, com o aumento do desemprego e do déficit público.

A partir daí, Bush começou a perder credibilidade. A opinião pública norte-americana dividiu-se em relação ao respaldo à política militarista, à medida que seu arsenal de mentiras vinha à-tona, sobretudo quando se descobriu que não existiam depósitos de armas químicas no Iraque.

AS RUAS FALARAM ALTO

Em 29 de agosto, enquanto se realizava a convenção do Partido Republicano em Nova York, mais de 300 mil pessoas faziam uma marcha aos gritos de *"Bush mentiu, muitos morreram"*, *"Basta de guerras por petróleo"*. A polarização social e política, vinda em boa parte da situação internacional, expressavam-se nos EUA.

Uma parte importante da grande burguesia imperialista, representada pelo financista George Soros e importantes jornais como *The New York Times* e *Washington Post*, rompeu com Bush e apoiou Kerry.

Bush precisou recuar parcialmente em seu projeto: depois do Afeganistão e do Iraque, queria invadir o Irã, a Síria, numa voragem imperialista para controlar o petróleo. Agora, não fala mais nisso. Na Venezuela, promoveu um golpe. Depois da derrota também no plebiscito, agora busca negociar com o presidente Hugo Chavez.

A SITUAÇÃO INTERNA TENDE A SE POLARIZAR

REPUBLICANO enfrentará resistência interna e externamente

Em primeiro lugar, na situação interna dos EUA. Se expressou nessas eleições uma polarização muito forte, que teve reflexos distorcidos nos votos. Na base, um grau de agressividade muito grande indicava a insatisfação social que está se acumulando.

Quase uma metade do país - justamente os setores mais dinâmicos da sociedade que vivem nas grandes concentrações industriais - votou contra o republicano, que venceu nas regiões mais atrasadas politicamente. O ódio presente nas mobilizações anti-Bush vai muito além do voto. Ele não é o "presidente de todos os norte-americanos", como Kerry, derrotado, se apressou em dizer, vendo as nuvens de ameaça no ar. Terá de governar tendo contra si boa parte da juventude e do movimento operário, em um grau de radicalização não visto há muitos anos nos EUA.

Mais ainda, terá de atacar esses setores, pela crise econômica e para se justificar perante seus eleitores. Uma semana depois da eleição, o movimento social direitista que conseguiu mobilizar milhões de votantes para reeleger Bush passou à ofensiva para promover a privatização da Previdência Social, proibir o aborto e desmantelar programas sociais federais mediante reduções massivas de impostos.

James Dobson, dirigente da organização *Focus on the Family* (Enfoque na Família), de 4 milhões de membros, disse que já é possível mudar a composição da Suprema Corte para obter a proibição do aborto nos próximos quatro anos.

George W. Bush terá de avançar nesse sentido e, certamente, terá que enfrentar os setores radicalizados que o rejeitam violentamente. As consequências desta dinâmica, ao nosso ver, não tem nada a ver com a "terra arrasada" descritas pela imprensa e pelos setores de esquerda. A polarização social e política já existente só tende a aumentar.

OS LIMITES DA CRISE ECONÔMICA

DÉFICIT atinge US$ 422 bi e torna economia norte-americana um barril de pólvora

Uma das bandeiras de Bush foi o crescimento da economia. Realmente existe um crescimento, típico dos ciclos capitalistas. Mas trata-se de um crescimento frágil, que não se equipara ao *boom* da década de 1990. Desde que Bush assumiu, a economia norte-americana perdeu 1,1 milhões de postos de trabalho. Os desempregados somam cerca de 8,2 milhão. Os mais afetados são a população afro-americana, os hispânicos e os adolescentes em busca de trabalho.

A política de cortes nos impostos, estabelecida por Bush, favorece algumas multinacionais e aumentou a pobreza no país mais rico do planeta. Desde que Bush assumiu, o número de pobres já chegou a 36 milhões de pessoas, 12,5% da população. Segundo dados da Oficina de Censo dos EUA, cerca de 1,3 milhão de pessoas caiu abaixo da linha de pobreza em 2003.

O déficit orçamentário federal deverá atingir uma cifra recorde de US$ 422 milhões. Considerando que quando Bush chegou à Casa Branca em 2001, o governo havia acumulado um superávit fiscal de US$ 537 milhões, isso significa que Bush desperdiçou quase US$ 1 bilhão.

Kerry era uma alternativa?

Os democratas são tão imperialistas quanto os republicanos. Recordemos que foi o presidente democrata John Kennedy quem iniciou a intervenção americana no Vietnã, e foi com um outro democrata, Lyndon Johnson, que ela deu um salto. Presidentes democratas impulsionaram inúmeros e sangrentos golpes militares na América Latina e em todo o mundo.

Tal como o ex-presidente Bill Clinton, Kerry foi um defensor das novas ferramentas de saque imperialista na América Latina, como o Nafta (Acordo de Livre Comércio da América do Norte) e a Alca. Em relação à política interna, apoiou o Patriot Act *(que restringe os direitos civis dos cidadãos norte-americanos com a desculpa do "terrorismo") e os cortes no orçamento para a educação e a saúde públicas, afetando os setores mais pobres da população.*

Antes da invasão do Iraque, Kerry criticou Bush por não haver atuado rápido e, depois, por "não haver enviado forças suficientes para cumprir sua missão". *Nas eleições, apresentou-se como alguém "capaz de resgatar a falida ocupação do Iraque", cuja proposta é* "incrementar o esforço militar e o envio de tropas".

A maioria da esquerda americana, iludida com Kerry, agora assiste seu candidato chamando Bush à unidade nacional para enfrentar "os inimigos".

COMO BUSH GANHOU AS ELEIÇÕES

SUA CAMPANHA incentivou a ofensiva conservadora, como no plebiscito sobre o casamento gay

Bush utilizou-se habilmente das armas da democracia burguesa para ganhar as eleições. Toda sua estratégia foi a de conseguir o apoio dos setores mais conservadores, em termos não só políticos, mas morais, para que participassem do processo eleitoral.

Bush centrou-se nos valores mais conservadores, apelando para a religiosidade e o medo dos norte-americanos burgueses e da classe média de perder suas propriedades, sempre ameaçadas por um "bando de terroristas sanguinários".

Para conseguir esse efeito, na maioria dos estados, o voto foi "casado": ao mesmo tempo em que votavam no presidente, os eleitores votavam também se eram a favor ou contra o casamento gay e a legalização do aborto. Nos onze estados em que houve consulta sobre a questão, a proposta foi rejeitada.

Segundo uma pesquisa divulgada no *New York Times*, realizada durante a boca de urna, os fatores que mais preocupavam os eleitores no momento do voto eram, na ordem, a defesa dos valores morais (22%), a economia (20%) e o terrorismo (19%). Dos que tinham os "valores morais" como preocupação, oito de cada dez eleitores votaram em Bush.

DEMOCRATAS EM CIMA DO MURO

Kerry, por outro lado, não podia defender o discurso oposto, nem uma posição clara contra a guerra, nem pela legalização do aborto e pelo casamento gay, simplesmente porque não é essa a política do Partido Democrata. Provavelmente por esse motivo, apesar de todos os apelos dos democratas, a juventude não foi votar massivamente, como eles esperavam.

Não se pode afirmar que, se Kerry fosse mais à esquerda, ganharia as eleições, no cenário atual dos EUA. Mas se pode dizer que Bush teve um discurso e uma estratégia claros, conseguindo mobilizar sua base real para o voto, e por isso ganhou as eleições. Kerry tentou capitalizar o voto à esquerda e à direita, saindo derrotado.

A eleição foi, sem dúvida, uma vitória de Bush, mas ela não reverte o rumo das coisas. Ele vai seguir sua ofensiva, mas ela tem limites.

A TENSÃO INTERNACIONAL TAMBÉM VAI AUMENTAR

Internacionalmente existia uma grande torcida contra Bush. Todas as pesquisas internacionais indicavam uma preferência acentuada por Kerry, uma forma distorcida de expressar a consciência antiimperialista que se disseminou em todo o mundo.

A vitória de Bush vai mostrar ao mundo, mais uma vez, o imperialismo com sua cara repudiada e desgastada, e não com a face renovada de Kerry. Se é verdade que Bush sai fortalecido nos EUA por sua vitória eleitoral internacionalmente, o desgaste do imperialismo só aumenta com esse resultado. Trata-se de um inimigo conhecido e odiado, transfigurado em Hitler em manifestações de milhões de pessoas em todo o planeta.

O resultado imediato das eleições nos EUA foi o crescimento de um sentimento de revolta em todo o mundo contra o imperialismo.

OFENSIVA IMPERIALISTA X RESISTÊNCIA DOS POVOS

Seguramente, o governo Bush vai utilizar seu novo mandato para reforçar a sua ofensiva colonizadora. Enquanto escrevíamos esta matéria, as tropas de Bush lançavam uma ofensiva genocida contra Falluja, cidade controlada pela resistência iraquiana. O governo fantoche do Iraque decretou estado de emergência no país para tentar sufocar a rebelião.

Na América Latina, essa ofensiva vai tomar uma forma clara na retomada das negociações da Alca, com a cumplicidade servil do governo Lula, que poderá tranformar o país em uma colônia dos EUA.

Mas se enganam os que estão prevendo uma situação de terra arrasada em todo o mundo, sob as botas de Bush. Não estamos mais nos tempos do auge do neoliberalismo e de retrocessos seguidos do movimento de massas, como na década de 1990. A crise do neoliberalismo e a luta das massas têm levado a grandes crises e comoções sociais, que se expressam na resistência iraquiana, na Intifada palestina (já com três anos de duração), e as grandes insurreições na América Latina (Equador em 2000, Argentina em 2001, Bolívia em 2003).

A ofensiva de Bush tende a gerar mais reações das massas no mundo todo, amparadas no crescimento do sentimento antiimperialista. O aumento da polarização da situação mundial, com mais crises e enfrentamentos, é outra das grandes conseqüências da eleição norte-americana.

PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DISCUTIRÃO A DESFILIAÇÃO DA CUT

O DEBATE será feito nas seções sindicais e o próximo congresso vai deliberar sobre a desfiliação

YARA FERNANDES, da redação

Entre os dias 5 e 7 de novembro, ocorreu o 49º Conad, que contou com a participação de 61 seções sindicais e cerca de 200 sindicalizados, entre delegados e observadores. No Conad, discutiu-se a relação da entidade com o governo Lula e a desfiliação da CUT; e atualizou-se o plano de lutas, com destaque para o ato marcado para o dia 25, em Brasília.

Plenária do 49º Conad do Andes

A CUT NÃO FALA EM NOSSO NOME!

O Conselho aprovou indicar às seções sindicais a discussão sobre a desfiliação da CUT, e que essa questão seja deliberada no 24º Congresso do Andes, em fevereiro de 2005. Até o congresso, a entidade promoverá a discussão na base, com a publicação de um jornal que fale sobre a polêmica e mantenha a base informada sobre as decisões das seções.

Também foi aprovada a manutenção da suspensão do pagamento do repasse à CUT até que as seções sindicais expressem sua posição no próximo congresso. O Conselho ainda desautorizou a CUT a falar em nome do Andes.

A votação da resolução sobre a CUT deu-se por ampla maioria entre os delegados. A avaliação é de que a CUT se burocratizou e está cada vez mais dependente de verbas do Estado (FAT) e do mercado (convênios com bancos), tornando-se um preposto do governo federal para viabilizar as reformas que tiram direitos e conquistas dos trabalhadores. Os delegados criticaram a autoria da CUT no projeto de reforma Sindical, que, se aprovado, destruirá a independência dos sindicatos.

ANDES NA LUTA!

O Andes deve continuar participando da Conlutas e dos movimentos de enfrentamento às reformas Universitária, Sindical e Trabalhista, bem como continuar a contribuir materialmente para o desenvolvimento dessas atividades. As caravanas para o ato do dia 25 em Brasília foram aprovadas e a ida será organizada a partir dos estados.

O Conselho reafirmou o Andes como uma entidade autônoma e independente, num momento em que setores governistas se articulam para dividir a categoria.

GOVERNISTAS QUEREM DIVIDIR A CATEGORIA!

O Conad denunciou a tentativa de um setor ligado ao governo de criar uma entidade paralela. Esse setor, que é oposição à atual diretoria do Andes, tem o apoio velado da CUT e pretende dividir a categoria, criando uma entidade para representar apenas os docentes das universidades federais.

A entidade foi fundada no dia 16 de outubro e chama-se Proifes (Fórum Nacional dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior).

O Proifes interessa ao governo em seu intuito de realizar a reforma Universitária e, por isso, a criação dessa entidade foi discutida com o ministro da Educação, Tarso Genro.

ESQUERDA DA CUT SE ALIA A DIREITA PARA DEFENDER A CENTRAL

DA REDAÇÃO

Neste Conad, a discussão sobre a desfiliação da CUT foi feita com certa facilidade, até pela experiência da categoria com a CUT. Apesar disso, alguns setores seguem defendendo o governo e a Central.

Militantes ligados à corrente O Trabalho, do PT, defenderam, aliados à direita do movimento, a manutenção do sindicato na CUT, sendo contrários à resolução aprovada que propõe a abertura da discussão na base sobre a desfiliação. Já os militantes do P-SOL propuseram não haver uma posição sobre o tema, que fosse apenas "desfiliar ou não".

A resolução aprovada por ampla maioria possui um direcionamento claro pela desfiliação da CUT, impondo uma derrota clara, tanto às posições e o Trabalho como do P-SOL.

A votação no Conad e nos vários sindicatos que estão se desfiliando mostra que, para encaminhar as lutas contra as reformas, não dá para ter posturas vacilantes diante das direções traidoras da CUT.

NO NORTE, SINDICATOS ROMPEM COM A CUT

CONSTRUÇÃO CIVIL DE BELÉM

APESAR DA truculência do PT e do PCdoB, trabalhadores aprovam filiação à Conlutas

ELTON CORRÊA, de Belém (PA)

Em 28 de outubro, cerca de 500 operários compareceram à sede do sindicato para decidir sobre a ruptura com a CUT e a filiação na Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas). O auditório do sindicato não comportava tanta gente, por isso, foi proposto que a assembléia se realizasse na rua, em frente à sede, fato comum para a categoria.

Os diretores do PCdoB e do PT foram contra. Contudo, 70% dos presentes defenderam a proposta. Percebendo, então, que perderiam a assembléia, os setores governistas começaram a agredir os diretores favoráveis a ruptura, com o objetivo de inviabilizar a votação. Na seqüência, eles ocuparam o sindicato com gente armada com gargalos de garrafa e faca.

Os trabalhadores ficaram revoltados com aquelas cenas e formaram um "megafone humano", conduzido por Atenágoras Lopes, presidente do sindicato e militante do **PSTU**, que passou a denunciar os diretores como agentes do governo Lula.

Quando foram apresentadas as propostas de ruptura com a CUT e filiação à Conlutas, a maioria dos que estavam presentes levantou a mão. No dia seguinte, o sindicato percorreu os canteiros de obra para denunciar o ocorrido e massificar a ruptura, coletando assinaturas para referendar a posição da assembléia. Já foram recolhidas mais de 1.500 adesões.

CONDUTORES DO AMAPÁ

DESFILIAÇÃO da CUT foi aprovada por unanimidade

ANTONIO BARROS, de Macapá (AP)

Após três meses de intensos debates, a desfiliação da CUT e a filiação à Conlutas foram aprovadas por cerca de 250 trabalhadores (100% dos presentes e cerca de 35% da categoria) na assembléia na sede do Sindicato dos Condutores de Veículos e Trabalhadores em Empresas de Transporte de Passageiros Rodoviários do Amapá (Sincottrap), realizada no dia 5.

A denúncia da traição do governo Lula e suas reformas Sindical e Trabalhista deram o tom da assembléia. Depois da exposição dos motivos para a desfiliação, Joinville Frota, presidente do Sincottrap e militante do **PSTU**, perguntou se alguém gostaria de fazer a defesa da CUT. Ninguém se apresentou. Na seqüência, foi aprovada a filiação à Conlutas.

Depois de aprovar as propostas, os presentes cantaram a palavra de ordem *"Conlutas, e, na ação, está surgindo uma nova direção. De luta!"*.

No encerramento, Joinville Frota falou que a partir daquele momento começava pra valer a construção da Conlutas: *"Vamos germinar nas bases da burocracia da CUT os movimentos de oposições de base, vamos construir com os nossos parceiros no Estado a Celutas e garantir a presença dos trabalhadores e a juventude do extremo Norte do país na marcha do dia 25 em Brasília contra as reformas e o governo Lula"*.

RETA FINAL DA MOBILIZAÇÃO DE 25 DE NOVEMBRO: TODOS A BRASÍLIA!

ESTÁ CHEGANDO a reta final da mobilização para garantir uma grande marcha a Brasília no dia 25 contra a reforma Universitária, as reformas Sindical e Trabalhista e em defesa da reforma agrária

JOSÉ MARIA DE ALMEIDA, presidente nacional do PSTU e integrante da coordenação da Conlutas

Por todo o país avança o processo de organização das delegações que irão à Capital Federal.

Nas universidades, o plebiscito organizado pela Coordenação de Luta dos Estudantes (Conlute) mobiliza milhares de estudantes e reforça o processo de mobilização para a marcha. Nos sindicatos, as discussões começam a ganhar corpo: em Minas Gerais, no último fim de semana, ocorreu o Encontro Estadual da Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas) e ficou definido pelos participantes do encontro o envio de uma caravana de 50 ônibus a Brasília.

O GOVERNO remeteu ao Congresso um Projeto de Lei que praticamente acaba com o FGTS dos trabalhadores das microempresas

É preciso reforçar este processo em todo o país. Com uma grande marcha no dia 25, estaremos fortalecendo a luta contra as reformas neoliberais do governo e reforçando a luta pela reforma agrária. Estaremos também avançando na construção de uma direção alternativa para as lutas dos trabalhadores e da juventude (a Conlutas e a Conlute), já que a CUT e a UNE preferem apoiar o governo, em vez de defender os direitos dos trabalhadores e dos estudantes.

GOVERNO VAI ENVIAR REFORMA SINDICAL AO CONGRESSO AINDA ESTE ANO

Além de todas as medidas já tomadas, no sentido de levar adiante uma reforma Universitária que privatiza o ensino público, favorece os barões do ensino pago e compromete a soberania do país ao entregar para as multinacionais a produção do conhecimento científico realizado pelas universidades públicas, o governo ataca também as áreas sindical e trabalhista.

Nas vésperas do primeiro turno das eleições, o governo remeteu ao Congresso um Projeto de Lei que praticamente acaba com o Fundo de Garantia (FGTS) dos trabalhadores das microempresas (reduz a alíquota a 0,5%), além de trazer vários outros prejuízos aos trabalhadores (prejudica também o caixa da Previdência).

Agora, no último dia 6, o Ministério do Trabalho anunciou o encerramento da elaboração da redação do projeto sobre a reforma Sindical, produzido pelo Fórum Nacional do Trabalho, e seu envio à Casa Civil da presidência da República. O próximo passo será encaminhá-lo ao Congresso ainda este ano. A proposta de reforma Sindical, como já foi dito nas páginas do **Opinião**, visa a criar as condições – via negociação coletiva encaminhada pelas centrais sindicais – para uma ampla flexibilização dos direitos dos trabalhadores, que hoje constam da legislação. Visa também a desmantelar os sindicatos que ousarem questionar a política do governo e das cúpulas das centrais sindicais. Derrotar esta reforma e impedir sua aprovação no Congresso é um desafio decisivo para os trabalhadores neste momento.

Por isso, é importante jogarmos muito peso nesta manifestação em Brasília.

Mais informações sobre a marcha do dia 25 no site WWW.PSTU.ORG.BR

Cartaz de convocação da marcha do dia 25

O que se passa com a esquerda do PT e da CUT?

Nos momentos decisivos, para garantirmos uma grande mobilização nacional contra as reformas neoliberais do governo, mais uma vez, aparecem os conflitos com a esquerda do PT e da CUT. Na esquerda petista, surgem muitos questionamentos a respeito da marcha do dia 25. Os dirigentes da esquerda da CUT negaram-se a assinar a convocatória da marcha, dizendo que vão participar, mas não assinam a convocatória porque a Conlutas assina também... O detalhe é que o texto da convocatória foi fechado em um acordo, em que os companheiros estavam presentes e ao qual todas as exigências que fizeram em relação ao texto foram aceitas por todos, inclusive pelos representantes da Conlutas, pois entendíamos que o importante era preservar a unidade na luta.

Quer dizer, para os companheiros não há problema em assinar uma nota junto com a CUT, mas com a Conlutas não pode?

Na verdade, o que está em jogo são duas coisas: a primeira é o apego desses companheiros à defesa da CUT, no movimento sindical, e da UNE, no movimento estudantil. Fazem qualquer coisa desde que não se questione essas entidades governistas. A grande contradição, no entanto, é o fato de que não haver como lutar contra estas reformas sem o enfrentamento com essas entidades que as defendem dentro do movimento.

A segunda questão está na postura vacilante desses setores em enfrentar de forma conseqüente o atual governo. Sabem que o caráter da manifestação de Brasília será de um protesto contra o governo e suas reformas e, por isso, não querem assumir uma postura de oposição ao governo petista.

Mais uma vez, insistimos no chamado à unidade. Não a unidade para preservar a CUT e a UNE, mas a unidade para lutar em defesa dos trabalhadores e contra o modelo neoliberal de Lula e do FMI.

A marcha a Brasília e o MST

A esquerda da CUT e o P-SOL, durante a organização da marcha, tinham garantido a presença do Movimento dos Sem-Terra (MST) no ato do dia 25. Não levaram em consideração que o MST está participando do grupo de trabalho que discute a reforma Universitária junto com o governo.

Agora, os companheiros do MST e da Via Campesina decidiram não participar da marcha a Brasília. Estão anunciando a realização de uma outra manifestação organizada pela Via Campesina, também em Brasília, também no dia 25 (que, segundo eles, já estava marcada antes). Infelizmente, da forma como as coisas estão sendo encaminhadas, vão existir duas manifestações políticas em Brasília no dia 25.

Nós acreditamos que seria muito importante a unificação dessas atividades.

Acreditamos que o apoio do MST ao governo Lula conduz a uma posição equivocada diante da reforma Universitária, e explica a decisão dos companheiros de evitar a unificação das atividades. Achamos, também, que foi equivocada a posição da esquerda da CUT e do P-SOL de garantir o que não estava garantido, o que gerou a possibilidade de dois atos separados no mesmo dia. Isso não era, de forma nenhuma, nossa intenção.

As diferenças que temos com o MST não nos levam a deixar de respeitar os companheiros por sua luta pela terra, e de buscar a unidade na luta contra as reformas neoliberais implementadas pelo governo.

O TEATRO VAI À GREVE

O USO DO TEATRO ou de encenações alegóricas nas marchas e greves dos trabalhadores é muito freqüente. E também muito produtivo. Em seu livro *Panorama do Rio Vermelho*, a professora Iná Camargo Costa conta um caso interessante, que mostra como o teatro pode engajar-se na luta dos trabalhadores

Paterson, 1913

***CECÍLIA TOLEDO**, da redação*

Na cidade de Paterson, nos Estados Unidos, ocorreu, em 7 de junho de 1913, uma greve dos operários da indústria têxtil, dirigidos pela central sindical IWW *(Industrial Workers of the World)*, que já se arrastava havia algum tempo, chegando a um impasse nas negociações. A imprensa, inclusive a de esquerda, fez um verdadeiro pacto de silêncio em torno da greve. Numa reunião em Nova York, surgiu a idéia de furar o cerco da imprensa e montar um *pageant* (cortejo, desfile alegórico), o que também serviria para juntar dinheiro para o fundo de greve. A proposta foi aprovada em assembléia pelos grevistas.

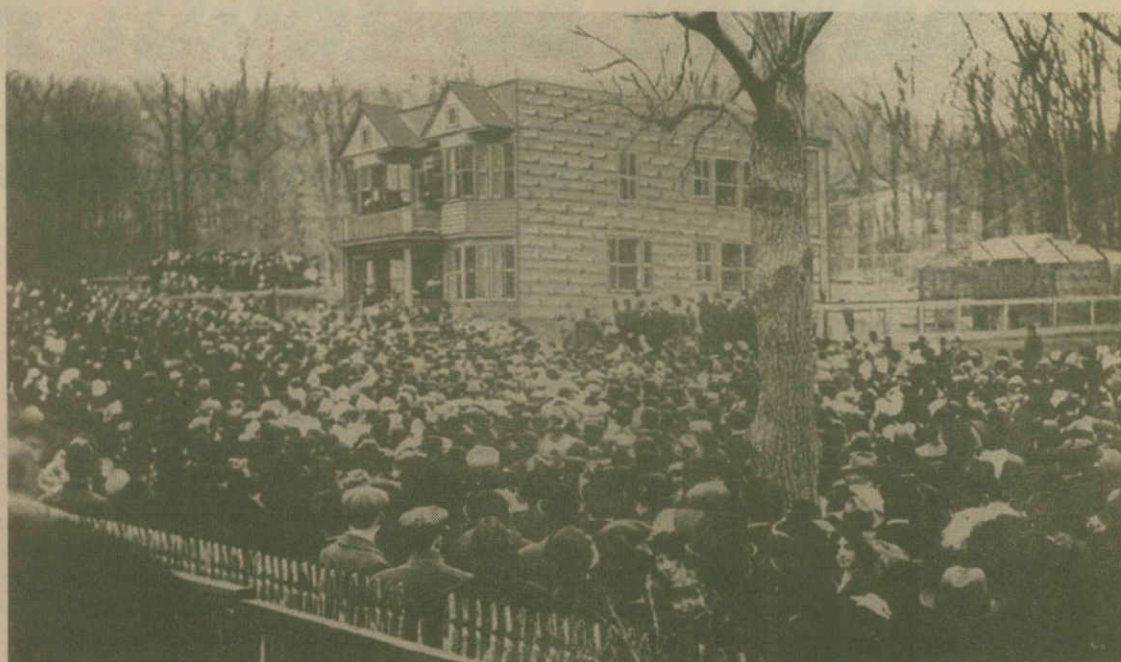
John Reed

O jornalista norte-americano John Reed ficou encarregado de dirigir o espetáculo, que seria encenado no Madison Square Garden, em Nova York. A definição do roteiro e do elenco (mais de mil pessoas) foi feita pelos próprios grevistas, que escolheram os episódios a serem reconstituídos e formaram o elenco dos "atores". Robert Jones ficou encarregado do cenário e Mabel Dodge reuniu um grupo de cem pessoas, que cuidou dos preparativos, como o aluguel do *Garden*, cenários e adereços, bem como da divulgação e venda de ingressos. Na semana que antecedeu o dia 7 de junho de 1913, o letreiro luminoso IWW foi instalado nos quatro lados da torre do *Garden* e, à noite, podia ser visto de qualquer ponto da cidade.

Marcado para as nove da noite, o início se atrasou por meia hora, por causa das filas, que chegaram a mais de vinte quarteirões. O "elenco" atravessou o rio Hudson e, após o desembarque, seguiu em passeata pela Quinta Avenida até o local do *pageant*.

FÁBRICAS VIVAS E MORTAS

A diretriz de John Reed para o cenário era *"Fábricas vivas, trabalhadores mortos. Fábricas mortas, trabalhadores vivos!"*. Robert Jones trabalhou com uma imensa cortina de seda, telões e blocos de madeira para armar o cenário e um palco onde deveriam estar mais de mil pessoas em diferentes composições. Sobre o fundo de seda vermelha, o telão apresentava a figura de um trabalhador sobreposta a fábricas e chaminés. Os blocos imensos tinham um dispositivo interno de iluminação e sonoplastia, porque representavam as fábricas vivas ou mortas conforme a atuação dos trabalhadores.

O primeiro episódio, dividido em duas cenas, apresentou o contraste, fábrica viva/ fábrica morta. Com as fábricas vivas em funcionamento, luzes saíam por centenas de aberturas e, ao toque da sirene, começava o ruído ensurdecedor no ritmo dos "teares". Os operários, cansados, arrastavam-se pelas laterais da platéia em direção a seus locais de trabalho, sozinhos, em duplas ou grupos, alguns cantarolando canções, e todos levando o almoço em bolsas ou marmitas. Depois de um tempo, ouvia-se o grito de guerra *"greve! greve!"*. Os trabalhadores saíam das "fábricas" na maior confusão, eufóricos, e começavam a cantar *A Internacional*. (A platéia associou-se a todos os cantos a partir desse momento.)

OS GREVISTAS de Paterson vão até Nova York, em um grande cortejo alegórico

A cena dois apresentava as fábricas mortas: silêncio e luzes apagadas. É o dia seguinte, dia do piquete. Em formação compacta, os trabalhadores cantavam as canções de greve. Policiais infiltrados, sem aviso prévio, começavam a bater com seus cassetetes (os trabalhadores que fizeram os papéis de policiais pediam desculpas por isso à platéia). Ouviam-se tiros, um trabalhador caiu morto, outro saiu mancando. O mártir (o operário Modestino, que havia sido morto pela polícia durante a greve) foi carregado até sua casa pelos companheiros.

SEGUNDO ATO: HOMENAGEM AO MÁRTIR

O segundo episódio reconstituiu o funeral do trabalhador assassinado. Pelo corredor central do auditório, foi carregado o caixão em cortejo, e de todos os corredores da platéia seguiam operários em direção ao centro do palco, onde o caixão foi depositado. O tempo todo se cantava a *Marcha Fúnebre* russa. Dois a dois, os trabalhadores colocaram cravos vermelhos sobre o caixão, formando "uma montanha de sangue". Os dirigentes mais ativos da greve faziam discursos, dirigindo-se ao auditório, conclamando à continuidade da luta até a vitória.

SOLIDARIEDADE DE CLASSE

O episódio seguinte relâtou o envio das crianças a outras cidades. Numa greve anterior, em Lawrence, foi criado um movimento de solidariedade de amplo alcance. Os simpatizantes do movimento, em todo o país, foram convidados a hospedar os filhos dos grevistas, que estavam passando fome e frio em suas casas, enquanto durasse a greve. A solidariedade foi organizada a partir de Nova York (mulheres socialistas, principalmente) e o embarque das centenas de crianças (maltrapilhas, esquálidas) acabou provocando uma comoção nacional, com cobertura de toda a imprensa. Esse episódio foi reconstituído e o espetáculo chegou ao clímax. Para as crianças, tanto no palco como na platéia, foi uma cena emocionante de devoção familiar, que mostrava as razões humanas da greve. Algumas delas haviam até mesmo feito greve na escola em protesto contra os professores que acusaram seus pais de "anarquistas e estrangeiros imprestáveis". Elas partiram cantando *Bandeira Vermelha* e foram se encontrar com os simpatizantes da causa, que seriam seus "pais-adotivos-da-greve" até que a luta terminasse.

O GRANDE FINAL: O CHAMADO À LUTA

No episódio final, foi reconstituída a maior assembléia de Paterson. Agora, os grevistas vieram novamente pelos corredores, mas, em vez de ocupar o palco, sentaram-se no chão, em volta dele e de costas para a platéia, transformando-a assim em parte da assembléia. Outro dirigente fez um discurso, chamando a solidariedade à greve. A resposta, que encerrou o *pageant*, foi todos em pé, cantando *A Internacional*. No dia seguinte, algumas manchetes da imprensa: "Greve da IWW reúne 15 mil". "O maior elenco jamais visto em Nova York encena seu próprio espetáculo: a greve da seda".

CONHEÇA O LIVRO

Quem gosta de teatro, deve ler Panorama do Rio Vermelho, de Iná Camargo Costa, que traz ensaios sobre o teatro americano moderno. Editorial Nankin, 2001.

ARAFAT: DA LUTA ARMADA AOS ACORDOS DE PAZ

QUANDO fechávamos esta edição, o líder palestino Yasser Arafat (75 anos) continuava internado em estado grave num hospital militar francês, em meio a incessantes boatos sobre sua iminente morte. O dirigente palestino foi o principal símbolo da luta dos palestinos e, por muitos anos, encarnou as aspirações pela autodeterminação do seu povo. Contudo, Arafat frustrou essas mesmas aspirações ao assinar acordos de "coexistência" com o Estado de Israel, reconhecendo a manutenção desse enclave do imperialismo na região do Oriente Médio

Arafat celebra os acordos de Oslo, sob o olhar de Clinton

KENYA ROSA CARDOSO, de Florianópolis (SC)

"Perante a ONU, o chefe Palestino Arafat exigiu a dissolução do Estado de Israel – membro da ONU – e recebeu estrondosos aplausos". Assim se iniciava a descrição da revista *Der Spiegel* quando, em 1974, o já mundialmente conhecido Yasser Arafat, líder da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), discursou pela

Garoto palestino participa da Intifada

primeira vez na Organização das Nações Unidas (ONU), com um ramo de oliveira e uma pistola carregada na cintura.

Quando Arafat fundou em 1969 a OLP, surgia, aos olhos aterrorizados do imperialismo e do Estado de Israel, uma frente única de várias organizações em prol da luta palestina. O Fatah, a organização de Arafat, tornou-se a corrente majoritária dentro da OLP e defendia em seu programa o resgate da Palestina histórica sob um Estado unitário, ou seja, o Fatah e a OLP tinham como programa o desmantelamento do Estado colonial, racista e religioso de Israel e o estabelecimento de um Estado democrático palestino, não-racista e laico. Diferente de alguns movimentos islamitas, a OLP defendia claramente que "o movimento de libertação nacional palestino não luta contra os judeus enquanto comunidade étnica e religiosa. Luta contra Israel, expressão de uma colonização baseada em um sistema teocrático, racista e expansionista, expressão do sionismo e colonialismo".

Esse programa dirigiu as ações que tornaram a OLP, o Fatah e Yasser Arafat mundialmente conhecidos. Durante as décadas de 1970 e 1980, a resistência palestina, dirigida pela OLP, lutou em armas contra o sionismo, e foi o principal elemento gerador de instabilidade aos planos imperialistas e sionistas para a região do Oriente Médio. Já no fim da década de 1980, no entanto, iniciou-se, cada vez mais claramente, um giro político da corrente de Arafat, que optou pelo caminho das negociações com o imperialismo e com Israel, culminando nos chamados "Acordos de Oslo".

OSLO, O MARCO HISTÓRICO DA CAPITULAÇÃO DE ARAFAT

Os acordos de Oslo, em 1993 (que se iniciaram secretamente entre a direção da OLP, o governo de Israel e os EUA, em fins dos anos 1980), é o marco histórico da mudança política de Arafat e da OLP. A partir disso, serão abandonadas por Arafat as exigências do direito ao retorno dos refugiados palestinos – cerca de 55% da nacionalidade – e o controle sobre Jerusalém oriental. Na verdade, tais acordos coroaram um processo anterior que foi o reconhecimento, por parte da direção palestina, da existência do Estado de Israel que poderia "coexistir" com um "Estado" palestino, mesmo este não tendo as mínimas condições básicas, como água e agricultura, que continuaram sob o controle de Israel.

A traição de Arafat não se deu sem lutas do povo palestino. Em 1988, a primeira Intifada palestina obrigou Israel, com o apoio dos EUA, a negociar com a Al Fathat. Arafat pôs-se à frente das negociações com o imperialismo, traindo os combatentes palestinos.

Depois de Oslo, em vez de dirigir a luta palestina, Arafat torna-se dirigente de um "Estado" isolado e desagregado territorialmente, onde 50% da população só se alimenta uma vez ao dia e vive em guetos cercados por colonos e militares israelenses. A então formada Autoridade Nacional Palestina (ANP) inicia uma de suas principais funções: a repressão ao povo Palestino, incluindo assassinatos, torturas e perseguições de todos os opositores dos "processos de paz". De líder guerrilheiro na luta pela autodeterminação da Palestina, Arafat tornou-se o chefe de uma máquina "estatal" corrupta, ameaçado de morte pelo terrorismo sionista e questionado por uma parcela de seu próprio povo. No entanto, as bandeiras históricas da causa Palestina revivem agora nas mãos de toda uma nova geração de líderes, gerados pela nova Intifada.

DE LÍDER na luta pela Palestina, tornou-se chefe de uma máquina "estatal" corrupta que reprime os opositores

Saída de Arafat aumenta crise interna na Palestina

Com a saída de Arafat, abre-se um vazio na direção da ANP. Dirigentes ainda mais próximos do imperialismo, como Ahmed Korei e Mahmoud Abbas, já se colocam na disputa. Quorei e Abbas – que foram os principais negociadores em Oslo – não só são vistos com bons olhos pelos EUA, mas também têm como campanha central uma maior repressão aos líderes da Intifada e das organizações que estão em luta contra Israel. É necessário construir uma direção de luta, desde os comitês populares, que resgatem as bandeiras históricas por uma Palestina laica, democrática e não racista.

CRONOLOGIA

CONHEÇA A HISTÓRIA DE YASSER ARAFAT

Nascido em 4 agosto de 1929 no Cairo, Arafat, aos 17 anos, reúne-se a grupos armados palestinos, que lutavam contra a criação de um Estado judeu na Palestina. Arafat participa dos combates de 1947 e 1948, e depois na guerra que se seguiu à criação de Israel.

Em 1959, funda o movimento Fatah para lutar contra Israel.

Em fevereiro de 1969, Arafat é eleito presidente do comitê executivo da Organização para a Libertação da Palestina (OLP).

Em 1974, Arafat discursa armado no plenário da Assembléia Geral das Nações Unidas. Nesse ano, a Liga Árabe reconhece a OLP, como "a única representante legítima do povo palestino".

No fim dos anos 1970, envolve-se na guerra do Líbano, país ocupado por Israel, mas, em agosto de 1982, Arafat e várias centenas de guerrilheiros abandonam Beirute (capital libanesa), quando esta se encontra cercada pelo exército israelense.

Exilado na Tunísia, o exército israelense resolve bombardear o QG da central palestina, causando mais de 60 mortos. Arafat e seus colaboradores conseguem salvar-se. Escapa novamente em 1992, quando o avião em que viaja cai no deserto da Líbia. Três pessoas morrem no desastre, mas Arafat sai apenas com pequenos ferimentos.

Em 1987, inicia a primeira Intifada palestina. A capitulação começa em 1989, quando Arafat assina, juntamente com o primeiro-ministro israelense Yitzhak Rabin, um acordo que daria autonomia gradual aos palestinos da Cisjordânia e da faixa de Gaza.

Em 1993, assina os acordos de Oslo, abandonando as exigências pelo fim do Estado de Israel que, agora, poderia "coexistir" com um "Estado" palestino. Em 1996, é eleito presidente da Autoridade Nacional Palestina.

OS PRESOS POLÍTICOS DE CALETA OLIVIA CORREM PERIGO

AMÉRICO GOMES, da Direção Nacional do PSTU

Nesta semana, os homens que são mantidos como presos políticos em Caleta Olivia entraram em greve de fome. As companheiras já haviam começado a greve dias antes, em função das péssimas condições carcerárias.

Esta forma de luta, apesar de justa, é sempre muito perigosa, pois pode levar os companheiros à morte ou a ficarem com seqüelas pelo fato de ficarem muito tempo sem se alimentar. No entanto, a situação desesperadora em que todos se encontram os levou a tomar essa atitude.

O risco que os companheiros e companheiras estão correndo é tamanho que a juíza que está provisoriamente acompanhando a instrução do processo decidiu transferir cinco dos seis presos para o hospital. O único que continua na prisão é Hugo Iglesias.

Este é mais um motivo para intensificar a campanha, pois, se os companheiros ficarem mais tempo presos, as conseqüências serão imprevisíveis.

Maurício e Hugo Iglesias, Elza Orozco, Selva Sánchez, Jorge Mansilla e Marcela Sandra Constancio

"ESTAMOS AQUI EM GREVE DE FOME CONTRA ESTA PRISÃO ARBITRÁRIA DO GOVERNO KIRCHNER. QUEREMOS MANDAR, DA PRISÃO, UMA SAUDAÇÃO AOS COMPANHEIROS DO BRASIL, PORQUE AS LUTAS QUE LEVAMOS AQUI SÃO AS MESMAS DE VOCÊS, CONTRA O DESEMPREGO E AS MULTINACIONAIS. A DEFESA QUE VOCÊS ESTÃO FAZENDO DOS PRESOS DE CALETA OLIVIA FORTALECEM A NOSSA MORAL E A DISPOSIÇÃO DE SEGUIR."

Hugo Iglesias

CRESCE A CAMPANHA NA ARGENTINA

A mobilização em defesa dos presos políticos continua crescendo. Em 9 de novembro, foi realizado um grande ato em Buenos Aires, reivindicando a liberdade dos presos políticos de Caleta Olivia, o fim da repressão e dos processos contra os lutadores sociais.

A manifestação foi convocada por deputados, organizações de direitos humanos, sindicatos e partidos de esquerda. Nessa mesma data, os deputados apresentaram um projeto de lei no Congresso contra a criminalização dos protestos sociais que já tem assinaturas de 40 deputados, incluindo parlamentares peronistas, radicais e ligados a Kirchner.

A campanha é internacional

Nesta semana, foram enviadas moções de dirigentes de várias entidades espanholas, como as Comissões Operárias (CCOO), a Corriente Roja, a Esquerda Unida de Sevilha, e a CGT e CUT locais. Também foram enviados abaixo-assinados de dirigentes sindicais do Marrocos, representando entidades como a Direção Executiva da Associação Nacional dos Desempregados do Marrocos, a Federação Democrática dos Trabalhadores (FDT), a Associação Marroquina dos Direitos Humanos (AMDH) e a Confederação Democrática dos Trabalhadores (CDT). Além disso, uma delegação do Paraguai compareceu à Embaixada argentina, no dia 2.

Quem já assinou no Brasil

Senadores: *Eduardo Suplicy (PT) e Heloísa Helena (P-SOL).* **Dep. Federais:** *Ivan Valente (PT), Babá e Luciana Genro (P-SOL).* **Cineasta Argentino:** *Fernando Piño Solanas.* **Prof. da USP:** *Antonio Candido.* **Dep. Estaduais - SP:** *Renato Simões, Sebastião Arcanjo e Roberto Felício.* **Amapá:** *Randolph Frederich (PT), Joel Banha Picanço (PT), Lucas Barreto (PT), Jorge Souza (Presidente da Assembléia Legisl.), Jorge Amanajás (PDT), Edinho Duarte (PMDB), Luiz Cantuária Barreto (PDT).* **Vereadores (SP) - São Paulo:** *Carlos Gianazzi, Odilon Guedes e Cláudio Fonseca (PT).* **São José dos Campos:** *Neuza do Carmo, Maria Izélia e Mauro Kano (PT).* **Tremembé:** *Nenca (PSDB).* **Campinas:** *Maria José Cunha, Sergio Rodrigues e Paulo Búfalo (PT) e Sergio Benaf (PCdoB).* **Jacareí:** *Diogo (PT).* **Caçapava:** *José Mauro (PT).* **Jambeiro:** *René Coelho (PT).* **Taubaté:** *Jofre Neto (PHS).* **Assess. do Ver. Jofre Neto:** *Izabel Camargo.* **Coord. Nac. MST:** *João Pedro Stédile.* **Coord. Est. MST – SP:** *Diolinda e José Rainha.* **Presidente Nac. Comissão Pastoral da Terra:** *Dom Tomás Balduíno.* **Pastoral Operária do Brasil:** *Antonia Aparecida da Silva Carrone e Waldemar Rossi.* **Pastoral Oper. - SP:** *Kelcilene Cocenza.* **Dir. da UNE:** *José Orivaldo de Oliveira Júnior.* **Dir. da UBES:** *Diego Gomes Amado.* **Laboratório sobre estudo de intolerância da USP:** *Zilda Márcia Iokói.* **Pastoral Oper. Metropolitana:** *Eduardo Palodette.*

Ato em frente ao Consulado da Argentina, em São Paulo

SOLIDARIEDADE

Envie um e-mail para:

- *Presidente Néstor Kirchner secretariageneral@presidencia.gov.ar*
- *Governador de Santa Cruz, Sergio E. Acevedo gobernador@scruz.gov.ar*
- *Juiz Marcelo M. Bailaque camarasegundacirc@mcolivia.com.ar jrecursos@mcolivia.com.ar*

ENVIE CÓPIA PARA ftccaletaolivia@yahoo.com.ar internacional@pstu.org.br

ATO PÚBLICO

Quinta-feira, dia 11 às 19h na Câmara Municipal de São Paulo

PUBLICAMOS A SEGUIR TRECHO DA ENTREVISTA COM MARIO VILLAREAL, UM DOS ADVOGADOS DOS FAMILIARES DOS PRESOS DE CALETA OLIVIA. DEFENSOR DE RAÚL CASTELLS, EMILIO ALÍ, ATUALMENTE ATENDE À CAUSA DE 110 PIQUETEROS, INDICIADOS EM BAHÍA BLANCA.

O que foi feito até o momento, e qual é a perspectiva na luta pela libertação dos companheiros?

É um orgulho para nós podermos dizer que, a partir da **Frente Obrera Socialista (FOS)** *e da* **Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT)**, *foi feita uma campanha nacional e internacional, que fez com que o caso de Caleta Olivia ganhasse repercussão, obrigando, inclusive, setores ligados a Kirchner se pronunciarem pela liberdade de nossos companheiros. Os seis companheiros de Caleta Olivia sabem que são vítimas de uma ofensiva repressiva do governo, que é recordista em enviar dinheiro para o FMI e os organismos internacionais. Como também bateu o lamentável recorde em relação ao número de presos políticos. É o maior número (cerca de 40), desde os tempos da ditadura.*

Agora, estamos muito preocupados porque a greve de fome dos companheiros nos obriga a redobrar a campanha, chamando à mais ampla unidade de ação para exigir a imediata libertação de todos. É importante lembrar, inclusive, que entre os seis companheiros somam-se 24 filhos, que estão esperando por eles em suas casas. Na maioria dos casos, a situação é desesperadora, porque, no caso de alguns presos, as empresas petroleiras deixaram de pagar seus salários.

Por isso, aproveitamos a oportunidade que nos foi dada pelos companheiros do **PSTU** *para fazer um chamado à solidariedade política e econômica para potencializar esta campanha e conquistar a liberdade dos seis companheiros.*